

## Igreja inclusiva: fórmula discursiva entre a paráfrase e a polissemia

Dilermando Moraes Costa<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo, filiado teórica e metodologicamente à Análise de Discurso (PÊCHEUX, 2014a [1969]; 2014b [1975]; ORLANDI, 2007; 2015), e em diálogo com a Teologia (VIDAL, 2008; FEITOSA, 2010; MUSSKOPF, 2012), apresenta como tema o estudo da seção de avaliações da Igreja Cristã Contemporânea (ICC) no *Facebook*. O objetivo geral é analisar os efeitos de sentido produzidos pela fórmula discursiva *igreja inclusiva*, considerando a saturação discursiva dos itens lexicais mobilizados em referência à ICC. Como objetivos específicos, buscamos identificar as matrizes de sentido que fazem emergir e circular a fórmula, bem como refletir acerca da hegemonia da formação ideológica heterocêntrica no protestantismo. Na primeira parte deste trabalho, comentaremos acerca da religião protestante e da emergência das igrejas inclusivas. Em seguida, discutiremos algumas das noções teóricas que sustentam as análises, como de fórmula discursiva e de formação discursiva. Por fim, apresentaremos a produção do corpus e a análise da seção relacionada à igreja.

**Palavras-chave:** Protestantismo; Igreja inclusiva; Análise de discurso.

### Abstract

This paper, theoretically and methodologically based on Discourse Analysis (PÊCHEUX, 2014a [1969]; 2014b [1975]; ORLANDI, 2007; 2015) and in dialogue with Theology (VIDAL, 2008; FEITOSA, 2010; MUSSKOPF, 2012), presents as research theme the study of Cristã Contemporânea Church's (ICC) reviews on *Facebook* page. The main goal is to analyze the effects of meaning produced by the inclusive church discursive formula, considering the discursive saturation of the lexical items mobilized in reference to ICC. As specific goals, we propose to identify the matrices of meaning that make the formula emerge and circulate, as well as reflect upon the hegemony of heterocentric ideological formation in protestantism. In the first part of this work, we will comment on protestantism and the emergence of all-inclusive churches. Next, we will discuss some of the theoretical conceptions that support the analyses, such as discursive formula and

---

<sup>1</sup> Pesquisador em estágio de pós-doutoramento na Universidade do Estado do Rio de Janeiro / Docente CTUR/UFRRJ. E-mail: [dilercostatur@gmail.com](mailto:dilercostatur@gmail.com)

discursive formation. Finally, we will present the production of the corpus and the analysis of the reviews related to the church.

**Keywords:** Protestantism; All-inclusive church; Discourse analysis.

## Introdução

Este artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa do estágio pós-doutoramento do autor e apresenta como tema o estudo da seção de avaliações da página do *Facebook* da Igreja Cristã Contemporânea (ICC), uma igreja evangélica também referenciada como inclusiva. Recorreremos à Análise de Discurso (PÊCHEUX, 2014a [1969]; 2014b [1975]; ORLANDI, 2007; 2015) para fundamentar, teórica e metodologicamente, este estudo.

O objetivo geral do trabalho é analisar os efeitos de sentido produzidos pela fórmula discursiva *igreja inclusiva*, considerando a saturação discursiva quanto aos itens lexicais mobilizados em referência à designação da ICC. O gesto de análise considerou a paráfrase e a polissemia como constitutivas do processo discursivo de referenciação ao grupo. Como objetivos específicos, buscamos identificar as matrizes de sentido que fazem emergir e circular a fórmula, bem como refletir acerca da hegemonia da formação ideológica heterocêntrica no protestantismo.

Iniciamos o texto refletindo acerca do protestantismo, uma importante religião cristã, assim como apresentando a emergência das igrejas evangélicas inclusivas, as quais instauram um movimento de (des)continuidades na religião. Em seguida, discutiremos algumas das noções teóricas que sustentam as análises, como de fórmula discursiva e de formação discursiva. Por fim, apresentaremos a produção do corpus e a análise da seção relacionada à igreja. Encerraremos este estudo com as considerações finais.

## O protestantismo e as igrejas inclusivas: entre (des)continuidades

A maior religião do planeta, já há alguns séculos, segundo Berkenbrock (2019) é o cristianismo, que se constituiu em torno da figura de Jesus, a partir de

uma separação da tradição judaica ainda no século I. No final do século IV, essa religião foi assimilada pelo Império Romano (BULLOUGH, 2002; BORRILLO, 2010) e, de forma ascendente, conquistou diferentes espaços no mundo, exercendo protagonismo em muitas esferas da vida em sociedade ainda nos dias de hoje. A título de exemplificação, Althusser (1969, p. 57) pontua que, na Idade Média, o poder dessa religião não se restringia aos aspectos da fé, mas também exercia controle nos processos educacionais e culturais da época. Atualmente, no Brasil, essa grande religião, que se ramifica em diferentes vertentes, ainda possui expressiva influência na unidade imaginária nacional por meio da máxima 'somos um país cristão'.

Com efeito, não é de surpreender o fato de a Bíblia, manual de fé e de conduta para os sujeitos cristãos (ALTHUSSER, 1969; ORLANDI, 1987a; MENDONÇA, 2005; MARIANO, 1999), ter sido o primeiro livro a ser impresso (ORLANDI, 1987b). Acrescentemos a isso a compreensão de que "vários discursos da cultura ocidental são atravessados pelo discurso religioso [cristão]: o pedagógico, o jurídico, o acadêmico, o das minorias, o das 'alternativas' etc." (ORLANDI, 1987b, p. 09), o que assinala a força que essa grande tradição religiosa consolidou ao longo da história.

O cristianismo possui muitas vertentes, não se trata, portanto, de um bloco homogêneo. Entretanto, podemos destacar três principais segmentos: o catolicismo romano, o protestantismo (cristianismo evangélico) e as igrejas ortodoxas (MENDONÇA, 2005). Alinhados a Passos (2005, p. 17), entendemos que "cada grupo vai afirmar-se como o original, embora tenha um começo demarcado no tempo e no espaço e carregue em suas interpretações e práticas as marcas explícitas ou implícitas dessa demarcação". Nesta parte do texto, nos voltaremos, mais especificamente, à chamada tradição protestante ou evangélica, que se trata de grupos muito diversificados de igrejas que, de forma simplificada, funcionam como vasos sanguíneos que alimentam o corpo religioso em torno da figura de Jesus, que seria o coração da fé.

Por protestantismo, nos referimos ao movimento de contestação quanto às práticas e aos dogmas da Igreja Católica Romana, ocorrido na Alemanha, no século XVI (MENDONÇA, 2005). De acordo com Passos (2005, p. 31), "com a

Reforma Protestante, busca-se um retorno às origens históricas do cristianismo, o que, na verdade, significa uma recomposição do tempo original sagrado”.

Mendonça (2005, p. 51) acrescenta que

protestantes seriam aquelas igrejas que se originaram da Reforma ou que, embora surgidas posteriormente, guardam os princípios gerais do movimento. Essas igrejas compõem a grande família da Reforma: luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas.

Em linhas gerais, Rogers (2008, p. 06 - tradução livre) apresenta três pontos que caracterizam os evangélicos:

(1) pessoas podem e devem manter uma relação íntima com Deus através da confiança em Jesus Cristo. (2) a Bíblia é a autoridade final para a salvação e para viver a vida cristã. (3) a graça de Deus em Jesus Cristo é uma notícia tão boa que todos devem ouvir sobre isso. Se você adicionar algo a essas afirmações, você está se tornando denominacional ou fundamentalista. Se você excluir uma dessas afirmações, você ainda poderia ser um cristão, mas você não seria um evangélico.

Para o teólogo, temos que a coesão entre os evangélicos serve como mecanismo de reconhecimento e de diferenciação acerca de outros grupos que também se reconhecem como cristãos. Para o autor, independentemente da filiação denominacional, a observação dos aspectos apresentados também é o que diferencia um evangélico de um fundamentalista, o qual apresentaria um posicionamento mais radical e politicamente engessado (ROGERS, 2008).

Além das igrejas evangélicas frequentemente associadas à Reforma Protestante, como visto anteriormente, há um grupo identificado como pentecostal, que constitui “uma parcela relativamente grande da população: algo em torno de 27 milhões de pessoas” (BERKENBROCK, 2019, p. 30) e que se percebe tributário da narrativa bíblica de Pentecostes. Isto é, o grupo entende que “a atualização da experiência de Pentecostes, tal qual nos tempos primordiais, funda, permanentemente, as comunidades pentecostais em sua autocompreensão, acontece nos seus rituais e determina sua organização” (PASSOS, 2005, p. 33). Esse segmento procura dialogar com “o cotidiano das pessoas” (MENDONÇA, 2005, p. 61) e consegue adentrar lugares muito remotos para fazer um trabalho missionário bastante pessoal.

Trata-se de um movimento que se tornou popular nos Estados Unidos no início do século XX (MARIANO, 1999; PASSOS, 2005) e que encontrou solo fértil

para crescimento em diversos países, como ocorreu no Brasil na década de 1950 (MENDONÇA, 2005). O movimento busca o sobrenatural de Deus em suas reuniões, o que resulta em fenômenos de cura e de milagres, agregando outras dinâmicas e formatos ao protestantismo. Há, ainda, um grupo que faz parte da chamada terceira onda do pentecostalismo (MARIANO, 1999; PASSOS, 2005), que são os neopentecostais.

As igrejas neopentecostais, com um crescimento exponencial, se formaram a partir da década de 1970 (MARIANO, 1999). O grupo é reconhecido por defender práticas teológicas e comportamentais muito diversificadas e, por vezes, controversas quando considerado o protestantismo em sua abstração geral. Para Passos (2005, p. 70), “a posse imediata da bênção (graça, salvação, libertação) é o centro das representações e práticas neopentecostais”, com vistas a atender, materialmente, aos mais vulneráveis.

A diversificação existente no protestantismo, como vimos, é bastante rica. Berkenbrock (2019) ainda assinala a existência do que chama de evangélicos não determinados, que, para o teólogo, são os sujeitos que se identificam com a religião, mas que não pertencem a nenhuma organização religiosa.

Identificamos um posicionamento estruturante e inegociável na maioria das igrejas protestantes: a oposição frontal às diversidades sexuais e de gênero (a que chamaremos apenas de diversidades), com base em um gesto de leitura da Bíblia que se pauta na ideia de heterossexualidade como única forma correta e santificada de expressão humana. Neste texto, nos referimos ao protestantismo como sendo eminentemente heterocêntrico.

A questão acerca da incompatibilidade entre as diversidades e o protestantismo apresenta, ao menos, dois pontos de tensão: a) de um lado, a crescente visibilidade quanto à comunidade LGBTQIAP+; e b) de outro, o posicionamento religioso que, de forma seletiva, se adapta às transformações sociais, mas que não avança quanto ao reconhecimento das diversidades.

Conforme leitura hegemônica e heterocêntrica do livro de Gênesis, primeiro livro da Torá judaica e da Bíblia cristã, e de outras passagens sagradas, haveria uma relação de “igualdade, atração e complementaridade” (VIDAL, 2008, p. 28)

entre os sexos, o que ainda hoje é utilizado para validar apenas relacionamentos heterossexuais. Segundo Feitosa (2010, p. 15),

o Cristianismo ortodoxo costuma utilizar-se de tais textos como base para afirmar e reafirmar o caráter moral e sexual heteronormativo e, conseqüentemente, a noção de que a homossexualidade não é um aspecto sexual legitimado. Antes, trata-se de um comportamento antinatural e pecaminoso.

Como forma de oposição à hegemonia heterocêntrica do cristianismo, o (ex-)reverendo Troy Perry inicia os trabalhos da Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM), em 1968, nos Estados Unidos (NATIVIDADE, 2010; MUSSKOPF, 2012; BARROZO, 2019; SILVA, 2019). Desde cedo, Perry havia se envolvido com o protestantismo, se tornando, ainda novo, um divulgador da fé. Todavia, embora firmemente dedicado à vida religiosa, o então reverendo não conseguia eliminar as tendências homossexuais que sentia e isso acabou por afastá-lo da vida ministerial (ARNOLD, 2002).

Distante da fé, Perry passou a viver mais livremente sua homossexualidade, apesar de o contexto estadunidense ser hostil aos dissidentes sexuais, que eram forçados a viver suas intimidades à margem da vida social. Bullough (2002) acrescenta que havia certa censura não oficial quanto a alguns significantes, como homossexual e gay, além do fato de os suspeitos de práticas homoeróticas serem monitorados pelas autoridades.

Após uma avalanche de dores, como uma tentativa de suicídio, Troy Perry decidiu retornar à vida religiosa, propondo uma denominação que não excluísse os sujeitos dissidentes da norma posta, mas que os integrasse à vida comunitária cristã. A fundação da ICM trouxe visibilidade ao grupo por dois aspectos: como organização religiosa, a igreja propôs leituras alternativas acerca da Bíblia; e como militância política, a ICM passou a lutar publicamente em prol do reconhecimento de sujeitos marginalizados.

A ICM chegou ao Brasil, oficialmente, no início dos anos 2000 (NATIVIDADE, 2010; SILVA, 2019) e, hoje, está presente em diferentes estados brasileiros. Uma divisão interna (NATIVIDADE, 2010; BARROZO, 2019; SILVA, 2019), porém, resultou na formação da Igreja Cristã Contemporânea (ICC), grupo inclusivo que tem sido objeto de estudo em nossas pesquisas.

A ICC se autodefine como uma denominação evangélica e inclusiva, figurando entre as mais conhecidas igrejas em termos de inclusão das diversidades. No Estado do Rio de Janeiro, o grupo possui sete templos, contando também com igrejas em outras três grandes capitais brasileiras. Recentemente, a ICC lançou a proposta de uma igreja virtual<sup>2</sup>, cujo objetivo é ministrar cultos por meio da internet para captação e acompanhamento de (novos) membros, já que a igreja não está presente em todos os Estados.

As igrejas inclusivas legitimam as diversidades sexuais e de gênero, as quais consideram como elementos constituintes do sujeito e, portanto, conciliáveis com o protestantismo. Musskopf (2012) assevera que, embora existam referências a esses grupos como igrejas gays, é importante refletir acerca dessa classificação, pois,

em muitos casos pode-se falar de uma igreja *para* pessoas GLBT, que surgem e se organizam justamente por estas pessoas não poderem viver sua religiosidade nas igrejas tradicionalmente constituídas. Outras preferem definir-se como organizações “inclusivas”, no sentido de que estão abertas a todas as pessoas, especialmente àquelas que se sentem “excluídas” de outros espaços. (MUSSKOPF, 2012, p. 239).

A diferenciação entre igreja gay e igreja *para* gay, como feita acima, sinaliza a problemática que a proposta inclusiva instaura no protestantismo. Como Barrozo (2019) comenta, em outras religiões, como o candomblé, o espiritismo, a umbanda e o budismo, o convívio entre a membresia não está pautado na orientação sexual. Nessas e noutras religiões, as diversidades compartilham do mesmo espaço e profissão de fé sem questionamentos.

Berkenbrock (2019) considera as comunidades inclusivas como igrejas de segmento, isto é, ele as aponta como grupos religiosos que se especializam no atendimento a um público específico. Na compreensão de Musskopf (2012) e de Barrozo (2019), como antecipado, nessas igrejas também existem espaços para outros sujeitos, no entanto, há consenso de que a maior parte de seus membros

---

<sup>2</sup> Esta informação pode ser consultada no formulário de cadastro de futuros membros, documento destinado às pessoas interessadas em se vincular à denominação e em assistir aos cultos do grupo. Disponível em: <<https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLScDsn7GtS411T3uWjusVmwcw2FaReOVUqoh61dznNHNbfjllw/viewform>>. Acesso em: 24 ago. 2022.

são da comunidade LGBTQIAP+, o que se torna uma consequência imediata da exclusão realizada pela maioria das igrejas cristãs. Barrozo (2019, p. 91-92, destaque do autor) acrescenta que

o discurso religioso cristão inclusivo tem sido apropriado e reapropriado de diversas formas e por grupos variados nos últimos anos no Brasil provocando uma proliferação destes, bem como também a criação de novos tipos. Um desses casos é o aparecimento das igrejas inclusivas *pentecostais*. Pouco tempo depois da fundação das primeiras igrejas inclusivas no Brasil, ocorre um processo de rupturas e diversificação interna.

Reforçamos, portanto, que a emergência da proposta inclusiva assinala um ponto de ruptura que se desdobrou em (des)continuidades. A diversificação característica do protestantismo também está presente nas igrejas inclusivas. Como exemplo disso, a ICM de São Paulo, segundo Silva (2019, p. 98), tem

sua liturgia colorida, mesmo carnavalesca, esforça-se para casar-se com o tradicionalismo das liturgias protestantes mais tradicionais. Embora suas lideranças neguem a adesão litúrgica e ritual com os grupos mais tradicionais do protestantismo, principalmente o anglicanismo e o luteranismo, o ritual da igreja se performatiza com elementos cúlticos presentes nestes grupos do cristianismo protestante.

No site da ICM Rio<sup>3</sup>, por exemplo, o grupo é apresentado como a igreja dos direitos humanos, o que reforça seu engajamento político e militante (NATIVIDADE, 2010), em alinhamento ao perfil estadunidense assumido pela matriz da igreja desde a sua fundação. Contudo, conforme explica Silva (2019), as igrejas vinculadas à ICM são muito diferentes entre si, ou seja, elas

[...] carregam em comum os símbolos, a bandeira, a Profissão de fé e a reverência aos seus bispos e bispas (elders) representantes mundiais da igreja. Na prática, as igrejas locais possuem credos diversos, orientações teológicas múltiplas, indo do pentecostalismo clássico, com alguma influência de neopentecostalismo, até as liturgias mais tradicionais, ao estilo episcopal ou mesmo católico romano. (SILVA, 2019, p. 72-73).

A ICC, por outro lado, possui uma centralidade litúrgica e doutrinária mais enrijecida, em que se espera que os grupos locais reproduzam os discursos defendidos e as práticas autorizadas pela matriz. Natividade (2010, p. 97) explica

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://icmrio.com/>>. Acesso em: 17 nov. 2022.



que, à época da fundação da ICC, o pastor responsável pelo grupo defendia que “o modelo ideal era o de uma igreja com pouca doutrina e teoria, mas muita espiritualidade; almejava-se com isso a construção de um ambiente no qual o fiel homossexual tivesse conforto e orientação”. Tal posicionamento pode ser o que justifica a busca pela santidade, pelas manifestações espirituais e sinais divinos que ainda hoje sustentam essa denominação, bem como muitos outros grupos evangélicos.

É importante insistir que as igrejas inclusivas são grupos independentes entre si e muito diversificados. Fato é, no entanto, que essas igrejas atingem o núcleo duro do cristianismo como um todo por incluírem sujeitos rejeitados pela norma heterocêntrica. Diante disso, julgamos importante tecer algumas considerações acerca da noção da fórmula discursiva (KRIEG-PLANQUE, 2010), a qual nos permitirá compreender, pela análise discursiva realizada neste estudo, os efeitos de sentido que emergem de *igreja inclusiva*.

### **Fórmula discursiva: paráfrase, polissemia e efeitos de sentido**

A Análise de Discurso (AD) apresenta como contribuição significativa aos estudos da linguagem a crítica a posicionamentos teóricos que estudam a língua fechada em si mesma, como se esta pudesse significar independentemente das coerções da ideologia e dos movimentos da história. Pêcheux (2014b [1975]), filósofo precursor da AD, sinaliza que a constituição da Linguística implicou o abandono da questão do sentido, o que a forçava, porém, a repensar suas fronteiras e a retornar ao seu próprio interior. A AD, por sua vez, objetiva justamente se ocupar da questão do (efeito de) sentido (PÊCHEUX, 2014a [1969]) ao construir um objeto próprio, a saber, o discurso.

Ainda acompanhando Pêcheux (2014b [1975], p. 81), entendemos que a língua, “enquanto conjunto de estruturas fonológicas, morfológicas e sintáticas”, é objeto da Linguística, ao passo que, ao ser tomada como “a base comum sobre a qual os processos nocionais-ideológicos, por um lado, e os processos conceituais-científicos, por outro, se constituem como processos discursivos”

(PÊCHEUX, 2014b [1975], p. 84) passa a ser de interesse da teoria do discurso, cuja proposta basilar é a de compreender como a língua significa na história, produzindo “a saturação, o efeito de completude que, por sua vez, produz o efeito de ‘evidência’” pela ação da ideologia (ORLANDI, 2007, p. 66).

A breve consideração teórica acima nos permite retomar as questões apresentadas na seção anterior. Como vimos, a diversificação interna desse grande grupo transita entre o mesmo e o diferente, não funcionando como um sistema religioso homogêneo, mas como uma pluralidade que produz um efeito de unidade; ou seja, o mesmo e o diferente são interdependentes e estruturantes do grupo. De forma exemplar, temos o sintagma nominal *igreja inclusiva* (em termos de língua), cuja circulação e funcionamento produzem diferentes efeitos de sentido (no estudo do discurso), os quais só podem ser apreendidos ao observarmos a relação entre a base linguística e o processo discursivo construído sobre ela.

Entendemos que a fórmula discursiva (doravante apenas fórmula) é constituída pela combinação de um núcleo (o substantivo igreja) e de um determinante discursivo (o adjetivo inclusiva), que é responsável por “saturar uma expressão nominal para limitar sua extensão e dotá-la de referência atual” (INDURSKY, 2013, p. 218). Isso produz efeitos de coerência quanto à materialidade da significação e à matriz de sentido da qual ela emerge.

O processo de determinação discursiva difere das compreensões da gramática tradicional por não focalizar apenas o sistema da língua, mas por compreender que há uma ação ideológica que se inscreve no fio do discurso para especificar e saturar os sentidos produzidos em torno de um significante. Além do adjetivo, as orações adjetivas e os sintagmas preposicionais também são considerados no processo de determinação discursiva (INDURSKY, 2013). Diante disso, entendemos que, ao dizermos *igreja inclusiva*, produzimos efeitos de sentido que, dependendo da filiação ideológica, podem ou não serem reconhecidos como pertencentes à religião cristã, como veremos mais adiante.

Neste estudo, acompanhando Charaudeau e Maingueneau (2016, p. 244<sup>4</sup>), entendemos que “o termo fórmula designa uma expressão lexical, mais frequentemente, um sintagma nominal ou uma colocação de caráter neológico, que remete a uma noção, tendo exercido, no plano ideológico, um papel fundador e ativo em certa situação histórica”. Assim, a noção de fórmula objetiva apreender o objeto discursivo em sua irrupção e circulação históricas.

A identificação de uma fórmula, segundo Krieg-Planque (2010), deve considerar quatro aspectos: a cristalização do significante, do sintagma ou da frase; a inscrição da fórmula na dimensão discursiva; o funcionamento como referente social e seu aspecto polêmico. Esses aspectos, porém, não estão dissociados, pois se articulam na sustentação da fórmula que, por si só, pressupõe a inter-relação entre os elementos constitutivos. Assim, temos que

o fato de a fórmula ser coconstruída por um material languageiro estável é igualmente necessário a seu funcionamento como lugar-comum do debate, como significante partilhado. Por seu caráter cristalizado, a fórmula se torna identificável, reconhecível e, conseqüentemente, pode funcionar como índice de reconhecimento que permite “estigmatizar” – positiva ou negativamente – seus usuários (o que não impede que certos locutores sejam vítimas ou beneficiários de um equívoco sempre possível na identificação da sequência). (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 74).

A cristalização da fórmula *igreja inclusiva* instala algumas descontinuidades sobre a inserção desse (outro) grupo no protestantismo: a) de ser uma denominação evangélica que acolhe um segmento específico; b) de não exigir que seus fiéis rejeitem suas orientações sexuais e/ou identidades de gênero; e c) de combater posicionamentos contrários à exclusão. Acerca da disputa de sentidos quanto à legitimidade do grupo, observamos que a fórmula *igreja inclusiva* põe em debate reflexões concernentes à língua, ao sujeito, à ideologia e à história. Para Krieg-Planque (2010, p. 81), sob a materialidade linguística, subjazem “os usos que a tornam uma fórmula” ou, ainda segundo a pesquisadora,

[...] um uso particular, ou uma série de usos particulares, por meio dos quais a sequência assume um movimento, torna-se um jogo de posições, é

---

<sup>4</sup> No Dicionário de Análise do Discurso, organizado por Charaudeau e Maingueneau (2016), o verbete *Fórmula* foi escrito por Pierre Fiala.

retomada, comentada, para de funcionar no modo 'normal' das sequências que nomeiam pacificamente e que usamos sem nem mesmo nos dar conta delas. (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 82).

Alinhados às reflexões postas, defendemos que os debates acerca da fórmula existem devido à espessura material na qual se fundamentam as relações sociais/religiosas. Ao considerarmos a inclusão das diversidades no protestantismo, observamos uma quebra histórica de paradigmas.

Diante do exposto, reconhecemos que a instituição de igrejas inclusivas acontece pelas margens, em oposição frontal aos dogmas cristãos hegemônicos, pois essas denominações se configuram como “grupos<sup>5</sup> marginais, cuja legitimidade é questionada por um saber teológico e/ou um poder eclesiástico que se querem normativos” (MUSSKOPF, 2012, p. 240). Isso reforça, portanto, mais uma característica da fórmula: o de ser um referente social por incluir, na religião, um grupo historicamente estigmatizado. O outro lado da moeda, no entanto, reitera aquilo em que temos insistido: a adaptabilidade que constitui o protestantismo, que, de um modo ou de outro, não pode deixar ninguém de fora.

Ao funcionar como um referente social, compreendemos que as igrejas inclusivas instauram uma congregação para que aqueles que, outrora, estavam excluídos de uma filiação religiosa. Devido a isso, entendemos o porquê de as comunidades inclusivas serem chamadas de igrejas gays (MUSSKOPF, 2012; SILVA, 2019) há algumas décadas, como já antecipado, pois a divisão que elas provocam interrogam a naturalização da heterossexualidade (FEITOSA, 2010). Esse referente social nos remete, também, à polêmica que a emergência de comunidades inclusivas produz.

Assumindo que a irrupção de uma fórmula “[...] significa alguma coisa para todos, ao mesmo tempo que se torna objeto de polêmicas” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 52), julgamos crucial, neste trabalho, ponderar acerca da tensão que envolve os sentidos em sua circulação. Apoiados em Pêcheux (2014b [1975]),

---

<sup>5</sup> Musskopf (2012; 2021) ressalta que há grupos que não se denominam como Igrejas inclusivas por se organizarem em outro formato, como grupos de estudos etc. Segundo o teólogo, alguns deles até rejeitam o termo *igreja* por entenderem que essa nomenclatura não corresponde às suas necessidades ou, até mesmo, que remetem a práticas opressivas.

recorremos à noção de formação discursiva (FD), entendida como a representação das formações ideológicas que produzem a evidência de sentidos. Isto é, “uma palavra, uma expressão ou uma proposição não tem um sentido que lhe seria ‘próprio’, vinculado a sua literalidade” (2014b [1975], p. 147), mas dependem da matriz de sentidos para significar.

De acordo com Pêcheux (2014b [1975]), um significante só produz sentidos dentro de uma FD, encontrando, na matriz do dizer, sua provisoriedade; ou seja, uma palavra não produz sentidos por si só, pois é dependente de um processo discursivo, que, segundo o filósofo, são as “relações de substituição, paráfrases, sinonímias etc., que funcionam entre elementos linguísticos – ‘significantes’ – em uma formação discursiva dada” (PÊCHEUX, 2014b [1975], p. 148). Se a paráfrase é da ordem da manutenção do sentido na matriz que o produz, da sua produtividade, encontramos seu contraponto na polissemia, responsável pela criatividade (ORLANDI, 2015).

De acordo com Pêcheux (2015 [1983], p. 53), “todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação”. Essa consideração sinaliza a possibilidade de irrupção da alteridade em todo dizer, pois, dada à incompletude da língua e à ação da ideologia, o discurso sempre está aberto à transformação (ORLANDI, 2015).

Temos, portanto, que a paráfrase e a polissemia são constitutivas do discurso e produtoras de significação. Para Orlandi (2015, p. 36),

[...] a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há dizer sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ela é a própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos - e os sujeitos - não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico.

Reiteramos, por exemplo, a polêmica relacionada à fórmula quando observamos a circulação desta em diferentes formações discursivas. Em outras palavras, dependendo da matriz de sentido, as compreensões sobre a inclusão defendida pelas igrejas podem ser diferentes ou até mesmo opostas. Daí decorre

que o discurso resulta “do jogo entre o estabilizado e o sujeito a equívoco” (ORLANDI, 1998).

A disputa de sentidos por meio da circulação de dizeres em diferentes formações discursivas sinaliza a possibilidade de in-compreensão (ORLANDI, 1998), reforçando que a língua está, estruturalmente, constituída pelo equívoco (ORLANDI, 1998; 2007), rompendo com a estabilidade desejada pela Linguística e indicando a necessidade de observação do discurso.

Portanto, a paráfrase e a polissemia garantem a estabilidade e a circulação dos discursos, permitindo que estes se constituam, se dividam, se oponham, e se transformem por emergirem de diferentes matrizes de sentido, como veremos a seguir por meio da constituição e da análise do corpus.

### **A produção do *corpus* e a análise discursiva**

Neste texto, apresentaremos um recorte de uma pesquisa mais ampla sobre as igrejas inclusivas. Focalizaremos a análise discursiva da seção de avaliações da página oficial do *Facebook* da Igreja Cristã Contemporânea (ICC), considerando, especificamente, os efeitos de sentido produzidos pela fórmula *igreja inclusiva*. A questão de estudo que orienta a análise é: *considerando a (particip)ação da paráfrase e da polissemia na constituição do dizer, como a fórmula igreja inclusiva significa em diferentes matrizes de sentido?*

Do *corpus* empírico, composto por 785 postagens, publicadas entre 2013 e 2021, produzimos um corpus discursivo com 145 textualidades, as sequências discursivas (SDs). Das avaliações disponíveis, excluimos aquelas que não estavam relacionadas à igreja, bem como as que não apresentavam uma justificativa textual sobre a (não) recomendação realizada. Por limitações de espaço, não há possibilidade de apresentação de todo o corpus analisado.

Neste recorte do estudo, privilegamos a análise do efeito metafórico (PÊCHEUX, 2014a [1969]), ou seja, analisamos a substituição contextual de significantes que saturam discursivamente os itens lexicais mobilizados em referência à designação da ICC (no caso, os determinantes discursivos - DDs).

Identificamos duas formações discursivas (FDs): a excludente (FDE) e a inclusiva (FDI). Embora não possamos explorar este ponto, nos cabe esclarecer que a FDI possui uma contradição interna; ou seja, ela apresenta duas regiões em discordância (a distintiva e a assimilatória), mas não a ponto de realizarem uma ruptura total. Isso sinaliza a ocorrência de fissuras no efeito de coerência dessa matriz de sentido, o que sinaliza que uma FD nunca está isolada de pontos de contato com outras matrizes de sentido (PÉCHEUX, 2014c [1983]).

Adiantamos que a apresentação dos resultados dar-se-á em três momentos: iniciamos com a FDE, seguimos para a região distintiva da FDI (a FDI-d) e, por fim, para a região assimilatória da FDI (FDI-a). Abaixo, trazemos o quadro 01, o qual expõe algumas SDs que emergem da FDE:

Quadro 01 - ORGANIZAÇÃO DETERMINANTES DISCURSIVOS DA FDE		
SD	Item lexical em referência à ICC	Avaliações: Você recomenda a (página da) ICC?
01	0	Porque é <i>Profano</i> . cada um dará conta das suas obras sejam elas boas e más...
02		totalmente <i>errada e incoerente</i> .
03		<i>Antibíbica, herege</i> e manipula a Palavra. Não recomendaria pra ninguém.
04	Igreja / Seita	Igreja <i>da besta</i> . Seita <i>do anticristo</i> . Apenas para pessoas que buscam uma religião que se adapte as suas buscas desenfreadas por prazeres carnisais ao invés de Deus e da verdade.
05		essa igreja <i>E uma vergonha (vergonhosa)</i> , e onde fica a parte que a biblia condena as suas práticas?
06		<i>Seita da besta, distante do evangelho e da igreja de Cristo</i> .
07	Lugar	Lugar <i>de heresia</i> .. Pregam totalmente o contrário das escrituras..
08	Ninho	A ofensa bíblica aqui é tão forte que seria até tranquilo, chamar isso de HERESIA. Simplesmente um ninho <i>mundano</i> que procura afastar todos os que derem de Cristo e levar os mesmos a passos LARGOS para o inferno!

Fonte: elaborada pelo pesquisador.

O gesto de análise sinaliza que a Igreja Cristã Contemporânea, a ICC, é significada de forma negativa em todas as SDs que emergem da matriz de sentido excludente (FDE): chamamos a atenção para o apagamento quanto à designação do grupo (SDs 01, 02 e 03), o que produz um efeito de rejeição. Outro aspecto reside no efeito metafórico acerca dos determinantes discursivos (DDs), todos de cunho negativo, os quais abundam ao longo da FDE.

A ICC é significada como o oposto do que se imagina ser uma igreja legítima, ou seja, pelo que a igreja inclusiva não é (*não é santa, não é correta, não é coerente, não é bíblica, não é de Cristo, não é próxima do evangelho etc.*). Diante disso, compreendemos que, ao negar a legitimidade da ICC, acessamos o discurso sobre como as igrejas heterocêntricas são imaginadas pelos sujeitos avaliadores, visto que

tal discurso remete a tal outro, frente ao qual é uma resposta direta ou indireta, ou do qual ele “orquestra” os termos principais ou anula os argumentos. Em outros termos, o processo discursivo não tem, de direito, início: o discurso se conjuga sempre sobre um discurso prévio, ao qual ele atribui o papel de matéria-prima, e o orador sabe que quando *evoca* tal acontecimento, que já foi objeto de discurso, ressuscita no espírito dos ouvintes o discurso no qual este acontecimento era alegado, com as “deformações” que a situação presente introduz e da qual pode tirar partido. (PÊCHEUX, 2014a [1969], p. 76).

Acompanhando as reflexões do filósofo, observamos que o gatilho acionado na FDE gravita em torno de um gesto de leitura da Bíblia que exclui as diversidades. Esse gesto, de cunho heterocêntrico, revigora a memória discursiva de que a Bíblia, como manual de moralidade e de espiritualidade, refuta interpretações marginais. Quanto às passagens bíblicas supostamente condenatórias das diversidades, Feitosa (2010, p. 15) explica que

o Cristianismo ortodoxo costuma utilizar-se de tais textos como base para afirmar e reafirmar o caráter moral e sexual heteronormativo e, conseqüentemente, a noção de que a homossexualidade não é um aspecto sexual legitimado. Antes, trata-se de um comportamento antinatural e pecaminoso.

A não reprodução de gestos de leituras consagrados pelo protestantismo heterocêntrico sinaliza, conforme a FDE, que a ICC não é uma igreja evangélica. Portanto, ao observarmos a saturação discursiva, temos que:

**A ICC é imaginada como**

*profana*  
*errada e incoerente*  
*antibíblica*  
*herege*  
*do anticristo*

**Igreja heteroc. é imaginada como**

*santa*  
*correta e coerente*  
*bíblica*  
*devota*  
*do Cristo*



*da besta**de Deus*

Considerando o processo discursivo em torno da fórmula, observamos que

Uma igreja profana	=	não é igreja
Uma igreja <i>antibíblica</i> , do <i>anticristo</i>	=	é <i>anti</i> -igreja
Uma igreja inclusiva	≠	igrejas heterocêntricas (≠ diferente das)
A Igreja Cristã Contemporânea	∉	ao grupo de igrejas heterocêntricas (∉ não pertence)

Observamos que, no processo discursivo que sustenta a FDE, a fórmula *igreja inclusiva* produz efeitos de sentido de invalidação, de negação, derivando para uma anti-igreja. A polissemia se ancora no fato de que, na FDE, se referir à ICC como igreja se trata de um equívoco (ORLANDI, 1998; 2007), pois o sentido de ser igreja, pela evidência ideológica, seria outro, com base na leitura heterocêntrica da Bíblia. Ao analisarmos o efeito metafórico na saturação discursiva, percebemos que o determinante *inclusiva* enlaça noções que, embora remetam ao discurso religioso, refutam a inclusão como uma legítima prática cristã. Logo, a ICC não faz parte do grande e diversificado grupo de denominações evangélicas por não se submeter à mesma formação ideológica.

Prosseguindo na análise, reiteramos que a formação discursiva inclusiva (FDI) está em contradição interna, o que nos possibilita estudá-la em duas regiões. A primeira corresponde à região distintiva, a FDI-d, em que existe o reconhecimento de que a ICC pertence ao grupo diversificado das igrejas evangélicas, mas há uma ressalva que diferencia a igreja inclusiva da igreja heterocêntrica: a inclusão de sujeitos marginalizados, especialmente quanto à dissidência sexual. Observemos o quadro 02:

Quadro 02 - ORGANIZAÇÃO DETERMINANTES DISCURSIVOS DA FDI (Região distintiva)		
SD	Item lexical em referência à ICC	Avaliações: Você recomenda a (página da) ICC?
09	Lugar	Um lugar <i>sem preconceitos ou julgamentos</i> . Este é o verdadeiro papel da igreja: acolher sem discriminações.
10		Um lugar <i>aonde Deus te ama maneira que você é</i> . Uma igreja <i>sem preconceitos</i> .
11		Apaixonada finalmente um lugar <i>onde prega o AMOR</i> . ...

12		Um lugar <i>onde as pessoas não te julgam</i> pelo que é, simplesmente te aceita e te ama como Jesus nos ensinou.
13		Lugar <i>onde sinto a presença</i> todas as vezes <i>que vou!!</i> Pastor Marcos Gladstone um anjo fé Deus e instrumento do Senhor para proclamação do evangelho a um povo que antes não era povo.
14		igreja <i>Maravilhosa que aceitar a Todos Sem Discriminação</i> . Como Todas as Outras Deveriam Ser
15	Igreja	Sempre busquei a presença do senhor na Minha vida,mais queria muito mais... queria um contato direto uma aproximação contínua.. nas igrejas tradicionais nunca tive forças pra se quer visitar por causa da rejeição e quando visitei a icc madureira fui de coração aberto e pedi pra Deus tocar em meu coração e me mostrar se aquele caminho era o que eu deveria seguir,se ali realmente a obra era pra glorificar seu santo nome... e fui atendido.. hoje sou membro feliz,completo e transformando frequento uma igreja <i>que fala de amor a Cristo de fé e milagres. Que não aponta,que não condena, que abraça e deixa Deus agir...</i> essa é minha Casa de comunhão,agradecimento,e reconhecimento <i>que Deus é Deus em nossas vidas</i> .
16		Igreja Contemporânea é <i>maravilhosa</i> . O povo é alegre, dinâmico, nos recebe muito bm. Amo meus pastores e meus ministérios. Ha 3 anos cheguei na Contemporânea de Caxias e fui muito bm acolhida, tratada e hoje sou muito feliz em ter uma igreja, <i>que me mostrou que Deus me ama e me aceita</i> .
17		Igreja <i>que acolhe à todos sem preconceitos</i> . Grata por essas portas abertas
18		Uma igreja <i>que aceita você como vc é!</i>
19	Local	Quem sabe agora um local <i>eclesiástico acolhedor</i> aqueles que passaram toda uma vida de preconceito e perseguições pelas organizações religiosas. Poder um dia casar em uma igreja, isso é possível!!!
20	Nação eleita	Eu amo essa nação eleita <i>que leva o amor de deus a todos tipo de pessoas que não joga mais si acole o nessicitado</i> não ver como o homem ver por a palavra e certa Deus ama o pegado e não pecado e vem todos como estais seja col for sua lempira é Deus que cura e nos faz acenta como rei na presenta dos nossos inimigos

Fonte: elaborada pelo pesquisador.

Chamamos a atenção para a recorrência do item lexical *igreja*, o que diferencia a FDI-d da matriz de sentido anterior, a FDE. Aqui, a ICC é reconhecida como uma igreja, o que também pode ser percebido quando observamos os demais itens lexicais, que apresentam cunho positivo. Destacamos que duas SDs, *um povo que antes não era povo* (SD 13) e *nação eleita* (SD 20), trazem referências diretas à Bíblia; ou seja, percebemos aqui a presença constitutiva da polissemia no discurso, visto que a mesma Bíblia utilizada, anteriormente, para condenar é, agora, aludida para legitimar o grupo.

O processo de saturação discursiva produz sentidos em torno de dois eixos estruturantes da FDI-d: o acolhimento indiscriminado aos sujeitos (SDs 12, 14, 15, 16) e o combate ao preconceito (SDs 09, 10, 17, 19), o que reforça o

afastamento das igrejas heterocêntricas. Por outro lado, há outro movimento que merece destaque: a comparação entre a igreja inclusiva e as heterocêntricas, como na SD 14, *igreja maravilhosa que aceitar a todos sem discriminação. Como Todas as Outras Deveriam Ser*, e na SD 15, *nas igrejas tradicionais nunca tive forças pra se quer visitar por causa da rejeição e quando visitei a icc madureira fui de coração aberto [...]*.

Na FDI-d, a ICC é significada como uma (verdadeira) igreja, que alcança um grupo rejeitado pelas demais denominações. Há, portanto, uma inversão: ser igreja, segundo a FDI-d, é acolher o necessitado/rejeitado. Nessa região da matriz de sentido inclusiva, a fórmula deixa de significar *anti-igreja* para derivar para *outra*, ou melhor: devido à mudança na perspectiva ideológica da FD, a ICC passa a ser o modelo de *ser igreja*, ao passo que os grupos heterocêntricos se tornam a alteridade.

Outro ponto que demanda observação está nas referências ao caráter espiritual da ICC, em que os sujeitos testemunham as mudanças de vida (SDs 13, 15, 16, 20). Isso ratifica a fórmula *igreja inclusiva* como pertencente ao protestantismo. Observemos as paráfrases discursivas a seguir:

<b>Igreja Inclusiva</b>	<b>Igreja heterocêntrica</b>
igreja unida	igreja tradicional
nação eleita	organização religiosa
lugar <i>sem</i> preconceitos	lugar <i>com</i> preconceitos
lugar <i>sem</i> discriminações	lugar <i>com</i> discriminações
lugar <i>sem</i> julgamentos	lugar <i>com</i> julgamentos
casa de comunhão	lugar <i>com</i> perseguições
local eclesiástico	outra igreja

Na região FDI-d, os sentidos produzidos constroem um discurso de validação da ICC ao apontar os aspectos que a diferenciam e os que a assemelham aos grupos heterocêntricos. Os efeitos de evidência e de coerência (ORLANDI, 2007) são sustentados pela saturação discursiva que tanto apresenta o caráter inclusivo quanto assegura o espiritual da ICC. Os significantes mobilizados, por exemplo, são aqueles que abundam no discurso religioso protestante, o que sinaliza a não ocorrência de uma ruptura total com o

pensamento cristão hegemônico. A ICC é  $\cong$  às igrejas heterocêntricas (elas se aproximam [ $\cong$ ], mas não são idênticas [ $\equiv$ ]).

Diante do exposto, reafirmamos a presença de um processo de questionamento interno na FDI-d quanto ao modelo heterocêntrico de ser igreja, o que possui diferenças quanto à outra região desta mesma formação discursiva (FDI-a), como veremos abaixo.

Na região assimilatória da FDI, a FDI-a, há destaque para o fato de a ICC ser uma organização religiosa que reproduz características e práticas litúrgicas legitimadas por outras denominações protestantes, sendo, portanto, condizente com esse universo religioso bastante diversificado. O efeito de coerência produzido no interior da região assimilatória se ancora no fato de a ICC proporcionar experiências cristãs autênticas, fazendo emergir um efeito de verdade corroborado pelas manifestações espirituais e transformadoras. Observemos o quadro 03 abaixo:

Quadro 03 – FORMAÇÃO DISCURSIVA INCLUSIVA (Região Assimilatória)		
SD	Item lexical em referência à ICC	Avaliações: Você recomenda a (página da) ICC?
21	Lugar	Lugar de <i>busca e de adoração</i> a Deus. Amo esta casa.
22		É um lugar de <i>paz e de comunhão</i> , lá verdadeiramente o Espírito Santo habita.
23		Lugar <i>abençoado e dirigido</i> por Deus. Vá com muita vontade de conhecer Jesus e ter uma mudança de vida que a conquista é certa!
24		lugar de <i>transformação, aonde podemos adorar a Deus em espírito e em verdade</i> com a certeza que Deus nos ama e entregou seu filho Jesus por amor a cada um de nós.
25		Um lugar <i>onde pude exercer o meu chamado em Cristo Jesus!</i>
26		Fui pela primeira vez e. A graça e favor de Deus. Fez este lugar <i>onde Deus nos alcança</i>
27		lugar de <i>transformação e bênçãos</i>
28		Um lugar de <i>amor e restaurações</i> para você e sua família
29		Igreja
30	Uma <i>maravilhosa</i> igreja...já frequentei e cada vez que entro naquela igreja me sinto renovado...	
31	Já tive oportunidade de conhecer e amei é <i>perfeita</i> como uma igreja evangélica. Acho que vcs pastores tem que abrir uma aqui em Macaé no estado do Rio.	
32	Uma <i>igreja que leva o amor de Deus ao próximo</i>	

33		Primeira. Menti. Bom dia. Eu acho. Que uma igreja. <i>Seria. Que leva a palavra. De Deus. E a igreja. Que. Prega. Que. Jesus. Salva, cura. E. Libertar. Essa sim e uma igreja seria.</i>
34		amei essa casa <i>santa</i> !!! fui muito bem recebida por todos !!
35	Casa	É uma benção, o Senhor tem edificado muito minha vida e minha família através das bênçãos liberadas neste lugar, casa de oração, <i>aonde habita a presença de Deus</i> que cada dia mais venha crescer pra honra e glória do nome do Senhor e que mais pessoas possam ser tocadas e mais vidas resgatadas pra Deus, super recomendo
36		Casa de Deus <i>onde eu posso adora-lo em Espírito e em Verdade.</i> Lugar de <i>recomeço, de bênçãos e de milagres.</i> Cheguei na Contemporânea há 5 anos um caco, hoje posso dizer que sou vaso de honra. 1 Pedro 2: 10. vós que outrora nem éreis povo, e agora sois de Deus; vós que não tínheis alcançado misericórdia, e agora a tendes alcanç

Fonte: elaborada pelo pesquisador.

Na FDI-a, considerando o efeito metafórico dos itens lexicais em referência à ICC, observamos que todos produzem efeitos de sentido positivos em substituição à fórmula *igreja inclusiva*. Há os mais genéricos, como lugar, e os mais pessoais, como igreja e casa. Nesta matriz de sentido, a fórmula é saturada de modo a significar como um espaço do sagrado, em que abundam experiências espirituais. Ou seja, os aspectos relacionados à exclusão e/ou à inclusão são apagados, pois o que merece destaque é o fato de a ICC operar como *qualquer igreja*, se diluindo na diversificação do protestantismo.

Compreendemos que a falta de referências a grupos minorizados e às diversidades, assim como o excesso de aspectos religiosos (SDs 22, 24, 26, 29, 33 etc.) provocam um equívoco, no discurso: a fórmula *igreja inclusiva*, que se propunha a instaurar uma linha divisória no protestantismo, na FDI-a, apaga o movimento de inclusão em prol dos aspectos que a aproximam de grupos heterocêntricos. Na SD 32, por exemplo, ICC é apresentada como uma *igreja que leva o amor de Deus ao próximo*, produzindo um efeito de esvaziamento nas propostas do grupo, visto que qualquer sujeito pode ser esse próximo, bem como qualquer igreja poderia apresentar essa missão.

As referências a questões consideradas socialmente sensíveis desaparecem na região assimilatória para favorecer o aspecto transformador do Evangelho (SDs 23, 24, 27, 28 etc.), cujo discurso se assemelha a outros praticados por igrejas heterocêntricas. As assimilações das imagens, dos significantes, do aspecto testemunhal que envolve a experiência de *antes e depois da ICC* (SD 25, 26, 29, 35, 36 etc.) não parecem direcionar a ICC a um

grupo específico, mas acionam a memória discursiva de igreja enquanto mediadora entre Deus e os humanos.

É importante destacar que a assunção do discurso, na primeira pessoa do singular, produz o efeito de veracidade, por meio do qual o sujeito acredita ser a fonte daquele posicionamento ao avaliar a igreja, desconhecendo o assujeitamento ideológico. O uso do plural produz um efeito de coletividade, pois, devido à missão redentora cristã, qualquer sujeito pode vivenciar o poder transformador do Evangelho. Observemos as paráfrases discursivas abaixo:

#### **Igrejas inclusivas**

igreja com experiências metafísicas  
igreja com pregação da palavra  
igreja com louvores e adoração  
igreja com vida comunitária  
igreja com práticas missionárias  
igreja com caráter testemunhal

#### **Igrejas heterocêntricas**

igreja com experiências metafísicas  
igreja com pregação da palavra  
igreja com louvores e adoração  
igreja com vida comunitária  
igreja com práticas missionárias  
igreja com caráter testemunhal

Igrejas inclusivas → igrejas onde há manifestações e culto ao Sagrado.

Igrejas heterocêntricas → igrejas onde há manifestações e culto ao Sagrado.

Igrejas heterocêntricas  $\not\Rightarrow$  igrejas inclusivas ( $\not\Rightarrow$  contêm as inclusivas, mas não são iguais).

A ICC, pelos dizeres que irrompem da região assimilatória da FDI, parece se descolar da realidade política da inclusão e se alinhar às práticas espiritualizantes que sustentam o discurso evangélico, especialmente os (neo)pentecostais, que defendem com maior vigor as experiências sobrenaturais (MARIANO, 1999).

Enquanto na FDE, as diversidades são rejeitadas e na região distintiva da FDI, são celebradas; na região assimilatória da FDI, todas as marcas de diferenças são apagadas. Diante disso, reafirmamos que, na região assimilatória, a fórmula *igreja inclusiva* produz o efeito de sentido de a ICC ser como qualquer igreja, cuja legitimidade não resulta do acolhimento das diversidades, mas da presença do Sagrado.

## Considerações finais

Neste estudo, tecemos reflexões sobre a emergência e as (des)continuidades relacionadas às chamadas igrejas inclusivas, as quais inauguram um movimento de dissidência dentro do protestantismo ao incluírem as diversidades sexuais e de gênero no seio da religião.

Em seguida, refletimos teoricamente quanto à Análise de Discurso, cuja proposta traz importantes contribuições aos estudos da linguagem, lançando luz sobre reflexões relacionadas à língua e à produção de efeitos de sentido. Apresentamos algumas noções teóricas, como fórmula discursiva, formação discursiva, assim como paráfrase e polissemia.

Na seção sobre metodologia, trouxemos algumas informações sobre a produção e a análise do corpus e avançamos para a reflexão acerca de duas formações discursivas identificadas: a FD excludente e a FD inclusiva, dividida em duas regiões, a saber, a distintiva e a assimilatória.

Vimos que a FDE rejeita a classificação de igreja inclusiva como uma agremiação religiosa evangélica, condenando as diversidades devido à formação ideológica heterocêntrica. O efeito de sentido de inclusiva deriva para ilegítima, anti-igreja. Na contramão dessa matriz de sentido, temos as duas regiões que constituem a FDI: a distintiva, que sublinha o papel da igreja inclusiva de combater o preconceito e de aceitar a todos; e a assimilatória, que apaga quaisquer marcas de exclusão para destacar os aspectos espirituais das igrejas inclusivas. A polissemia em torno do determinante discursivo aponta para duas significações: de ser *outra igreja* e de ser *como qualquer igreja*.

Vimos que o projeto de inclusão religiosa, capitaneado pelas igrejas inclusivas, ainda parece manter, com vigor, as marcas da formação ideológica heterocêntrica. Os modelos de igreja evangélica, de culto, de vida comunitária tendem a ser mantidos e as diversidades, por outro lado, acabam por ser menos evidenciadas em prol dos aspectos espiritualizantes.

## Referências

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de Estado*. Rio de Janeiro: Graal, 1969.

ARNOLD, L. Troy Perry (1940- ). In: BULLOUGH, V. L. (org.). *Before Stonewall: Activists for Gay and Lesbian Rights in Historical Context*. London; New York: Routledge, 2002. p. 393-398.

BARROZO, V. Pentecostalismo inclusivo e modernidade:: interpretações e interpelações das Igrejas Inclusivas Pentecostais no Brasil. *Sacrilegens*, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 80–103, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/27154>>. Acesso em: 29 set. 2022.

BERKENBROCK, V. *O mundo religioso*. Petrópolis: Vozes, 2019.

BORRILLO, D. *História e crítica de um preconceito*. São Paulo: Autêntica, 2010.

BULLOUGH, V. L. (org.). *Before Stonewall: Activists for Gay and Lesbian Rights in Historical Context*. London; New York: Routledge, 2002.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

FEITOSA, A. *Bíblia e homossexualidade: verdades e mitos*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2010.

INDURSKY, F. *A fala dos quartéis e as outras vozes*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

KRIEG-PLANQUE, A. *A noção de 'fórmula' em análise do discurso: quadro teórico e metodológico*. São Paulo: Parábola, 2010.

MARIANO, R. *Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo do Brasil*. São Paulo: Loyola, 1999.

MENDONÇA, A. G. O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas. *Revista Usp*, São Paulo, n. 67, p. 48-67, 2005.

MUSSKOPF, A. S. *Via(da)gens teológicas - Itinerários para uma teologia queer no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

NATIVIDADE, M. Uma homossexualidade santificada?: Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião & Sociedade*, v. 30, p. 90-121, 2010.



ORLANDI, E. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1987a.

ORLANDI, E. Apresentação. In: ORLANDI, E. *Palavra, fé, poder*. Campinas: Pontes, 1987b, p. 07-10.

ORLANDI, E. Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico. *Rua*, v. 4, n. 1, p. 9-20, 1998.

ORLANDI, E. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 5. ed. Campinas (SP): Pontes; 2007.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

PASSOS, J. D. *Pentecostais: origens e começo*. São Paulo: Paulinas, 2005.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2014a [1969], p. 59-158.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2014b [1975].

PÊCHEUX, M. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. In: PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2014c [1978]. Anexo III, p. 269-281.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 7. ed. Campinas: Pontes, 2015 [1983].

ROGERS, J. *Jesus, the Bible, and homosexuality: explode the myths, heal the church*. Westminster John Knox Press, 2009.

SILVA, L. G. *O Senhor é meu pastor e Ele sabe que eu sou gay: Igrejas inclusivas em uma metrópole brasileira*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.

VIDAL, M. *Sexualidade e condição homossexual na moral cristã*. Aparecida: Santuário, 2008.